

A PROSA JORNALÍSTICA DE MANOELITO DE ORNELLAS NO CORREIO DO POVO E NO DIÁRIO DE NOTÍCIAS

Alice T. Campos Moreira¹

RESUMO

Entre outros acervos que compõem o DELFOS – Espaço de Documentação e Memória Literária da PUCRS, o acervo do escritor, poeta, historiador e jornalista Manoelito de Ornellas está constituído por livros, manuscritos, papéis de trabalho, documentos, correspondências, objetos de uso pessoal e recortes dos artigos publicados em jornais do Brasil e do exterior, os quais foram colecionados e arquivados pelo próprio autor. Tais artigos abordam assuntos variados, destacando-se os temas sobre literatura, principalmente, a do Rio Grande do Sul. Este texto aborda “Prosa das Terças”, coluna mantida por Manoelito, no **Correio do Povo**, durante quase duas décadas e a coluna, “Crônicas para o Diário de Notícias – 1947”

Palavras-chave: Acervo Manoelito de Ornellas. Prosa jornalística. Literatura sul-rio-grandense.

ABSTRACT

Among other archives that make up the DELFOS, the area of documents and Literary Memory of the Pontifical University of Rio Grande do Sul in Brazil, the archives of the writer, poet, historian and journalist Manoelito de Ornellas is made up of books, manuscripts, working papers, documents, correspondence, objects of personal use and cuttings of articles published in Brazilian newspapers and others abroad, all of which were collected and filed away by the author himself. These articles deal with a variety of subjects, but with an emphasis on the theme of literature especially in the state of Rio Grande do Sul. Among these papers are texts collected from a Tuesday column in the newspaper **Correio do Povo** during nearly twenty years and those from 1947 from another newspaper *Diário de Notícias*.

Keywords: Archives of Manoelito de Ornellas, journalistic prose, Literature From Rio Grande do Sul

¹ Professora responsável pelo DELFOS - PUC RS. amoreira@puccrs.br

O Acervo Manoelito de Ornellas foi criado em 1998, incluído no Centro de Memória Literária da Faculdade de Letras, da Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul (PUCRS). Constituído por grande número de documentos, o acervo reúne o espólio desse escritor, cuja obra faz parte do patrimônio literário e cultural do Rio Grande do Sul.

Posteriormente, com a criação do DELFOS – Espaço de Documentação e Memória Cultural (delfos@pucrs.br), pela PUCRS, em agosto de 2007, reunindo os acervos existentes em várias unidades universitárias, o acervo literário de Manoelito de Ornellas, juntamente com os demais acervos da Faculdade de Letras. O Delfos conta hoje com 39 acervos de poetas, escritores, críticos literários, jornalistas, historiadores, bibliófilos, colecionadores e um arquiteto, mais coleções de periódicos e um acervo documental sobre partidos políticos. Em fase de organização, registros parciais de tais acervos já estão disponíveis para consulta pela Internet, na página da PUCRS.

Manoelito de Ornellas nasceu em 17 de fevereiro de 1903, em Itaqui (RS), filho de Manoel Pedro de Ornellas, descendente de portugueses da Ilha da Madeira e de Anna Guglielmi, uruguaia de ascendência italiana e francesa. Casou-se com Lucy Pinto e teve uma filha, Lília. Faleceu em 8 de julho de 1969. Homem de vasta cultura, possuidor de uma das mais completas bibliotecas rio-grandenses da época, onde buscava as informações que embasavam rigoroso trabalho de pesquisa histórica, levado por seu acendrado amor à terra natal e à literatura. Além de escritor, foi professor e jornalista, tendo exercido diversos cargos administrativos: redator-chefe de A Federação, diretor da Biblioteca Pública, da Imprensa Oficial, do jornal O Estado e do Arquivo Público. Foi presidente da Associação Rio-Grandense de Imprensa (ARI).

A diversificada produção literária de Manoelito de Ornellas se estende da poesia ao romance, da crônica jornalística ao ensaio histórico, tendo recebido vários prêmios e condecorações por seu trabalho de pesquisa e recuperação das raízes do povo rio-grandense. Foi um intelectual que se dedicou ao estudo e à divulgação da cultura do Rio Grande do Sul, elegendo como objeto de sua produção literária e jornalística predominantemente os temas regionais. Foi, contudo, como ensaísta que se destacou, produzindo textos relacionados à história e às particularidades sociais dos gaúchos, em que manifesta uma visão crítica da realidade. Seu amor à terra natal

está traduzido nas linhas temáticas de sua obra. Foi um dos articuladores do neo-regionalismo sul-rio-grandense, juntamente com alguns expoentes da intelectualidade gaúcha, como Augusto Meyer, Pedro Vergara, Athos Damasceno Ferreira, Ernani Fornari, Reinaldo Moura, Rui Cirne Lima, Vargas Netto e Teodomiro Tostes. A obra de Ornellas, nos mais diferentes gêneros, possui um valor inestimável no processo de afirmação de nossas letras.

Iniciou sua carreira literária como poeta com **Rodeio de estrelas** e fez uma experiência na área da narrativa, o romance-legenda **Tiaraju** (Globo, 1948). Dedicou-se à crônica, mantendo por muitos anos uma coluna no **Correio do Povo**, a “Prosa das Terças”. Produziu, ainda, obra memorialista, uma trilogia, cujo primeiro volume, **Terra xucra** (Sulina, 1969), em que narra sua infância e adolescência na fazenda da família; seguido de **Mormaço** (Edição póstuma pela Sulina, 1972), relato da mudança para a cidade motivada pela perda dos bens, e conseqüente entrada no mercado de trabalho, ainda muito jovem; descreve os primeiros passos na área da literatura, sua participação ativa na política rio-grandense, a desilusão com a poesia e com a política, o casamento, a transferência para Porto Alegre e início da carreira de jornalista. O terceiro volume, **Estuário**, apenas iniciado, foi interrompido com a morte do escritor, volume que seria, talvez, o mais importante, pela extensão do período de nossa história política e cultural a ser relatada, com episódios dos quais participara ou fora testemunha.

As obras de maior destaque são as de cunho histórico-sociológico. É difícil escolher uma ou duas: **Vozes de Ariel** (1939), **Símbolos bárbaros** (1943), **Máscaras e murais de minha terra** (Globo, 1966), cada uma delas guarda particularidades que compõem a fisionomia do autor. No entanto, é em **Gaúchos e beduínos** – a origem étnica e a formação social do Rio Grande do Sul (1948), um estudo sobre a origem do gaúcho na América do Sul, que atinge especial destaque. Editado pela José Olympio, na Coleção Documentos Brasileiros, é considerada sua obra mais significativa no gênero ensaio. Nesse gênero, apenas **Gaúchos e beduínos**, em 4a edição, está disponível no mercado. Manoelito ainda traduziu e prefaciou o romance **Ariadne**, de Claude Anet, e o poema “Tabaré”, de Juan Zorrilla de San Martín.

O Acervo Manoelito de Ornellas registra 24 obras em prosa e duas de poemas; biblioteca com 821 volumes de obras gerais; os originais de **Mormaço** (memórias), de **Estuário** (incompleto), de **Sepé Tiarajú**, de **Um**

Bandeirante na Toscana, juntamente com o material de pesquisa para a elaboração desta obra; material de trabalho – cadernos, álbuns, diários – e 16 cadernos com anotações para preparação de aulas (assuntos variados de história); 1.446 correspondências, entre telegramas, cartões e cartas; duas conferências e uma resenha histórica; duas traduções, medalhas, certificados e troféus, objetos e documentos pessoais.

Extremamente cuidadoso com tudo o que dizia respeito à sua atuação literária ou profissional, colecionava toda matéria jornalística de sua autoria ou sobre ele, além de artigos de assuntos diversos de seu interesse ou que teriam utilidade para seus estudos e pesquisas. O acervo registra 3.487 documentos dessa natureza. São recortes de artigos publicados em vários jornais do Rio Grande do Sul, de outros estados, principalmente de Santa Catarina, ou do exterior, notadamente do Uruguai. Arquivados em 10 grossos volumes encadernados em couro e em mais sete cartonados. Os textos foram colecionados pelo próprio Manoelito, como costumava fazer com publicações: recortava, colava e identificava o periódico, a página e a data, quando estes dados não figuravam na página impressa.

Dos artigos de autoria de Manoelito de Ornellas, os mais significativos são as crônicas de “Prosa das Terças”, em coluna semanal no **Correio do Povo**, durante quase duas décadas, de março de 1948 até o final do ano de 1966.

Nesse espaço, “proseava” com seus leitores, discutindo os mais variados assuntos: história (os mais frequentes), sociologia, política, ensino, literatura e temas do cotidiano. “Prosa das Terças” reflete a extensão de seus conhecimentos, principalmente, literários. Abordava literatura rio-grandense, brasileira e estrangeira, presente em sua valiosa biblioteca, na qual a literatura do Rio Grande do Sul tinha prioridade. Segundo Maria Alice da Silva Braga, em sua dissertação de Mestrado, **Manoelito de Ornellas: um esboço do escritor**, no dizer do próprio Manoelito, essa coluna semanal foi “uma janela aberta para o mundo”, através da qual seu espírito respirava. Alguns dos assuntos foram posteriormente transpostos para seus livros, como ocorre em **Máscaras e murais de minha terra** (Globo, 1966).

A partir dos dados já indexados de um total de 400 crônicas, pode-se estabelecer um panorama do universo de autores que povoava as “Prosa das Terças”, bem como seu número de ocorrências. Constatou-se que, de um total de 500 autores, predominam os rio-grandenses, sendo que, em

113 textos catalogados, a própria literatura ou o próprio autor são objeto da crônica. A listagem geral aponta, nos cinco primeiros lugares, os nomes de Athos Damasceno Ferreira (17), Álvaro Moreira (14), Alcides Maya (13), Simões Lopes Neto (11) e Mario de Andrade (9). A incidência de autores citados vai diminuindo até chegar a uma ocorrência, perfazendo um total de 400 autores. Tais números devem, no entanto ser relativizados, pois um autor tanto pode ser objeto central de seus comentários críticos, como figurar junto a outros, numa enumeração.

Entre os autores gaúchos, figuram poetas, contistas, romancistas e críticos literários, citando-se aqui, apenas, os de sua geração: Mansueto Bernardi, Reinaldo Moura, Guilhermino César, Lila Ripoll, Walter Spalding, Telmo Vergara, Érico Veríssimo, Moysés Vellinho, De Souza Júnior, Ernani Fornari, Augusto Meyer, Alceu Wamosy; Mário Quintana e, ainda, os mais jovens, Itálico Marcon, Carlos Nejar, Jayme Paviani, Caio Fernando de Abreu entre muitos outros igualmente importantes.

Dos brasileiros de outros estados, referindo alguns, Jorge de Lima, Euclides da Cunha, Monteiro Lobato, Tristão de Athayde, Ronald de Carvalho, Augusto dos Anjos, Luiz Câmara Cascudo, Cecília Meireles, José Paulo Paes, Carlos Drummond de Andrade e Rubem Braga. Igualmente extensa é a relação dos estrangeiros: Eça de Queirós, Beaudelaire, Juana Ibarbourou, Ibsen, Pearl Buck, Cervantes, Dostoievki, Flaubert, Paulo Morand e Almada Negreiros.

Nessa coluna, são citadas 351 obras, entre elas encontra-se, em sequência de sete crônicas, um interessante estudo sobre os traços da cultura árabe presentes em **A Divina Comédia. Minha Formação**, de Joaquim Nabuco, é comentada em 5 Prosas. Três vezes escreve sobre **Macunaíma**, **Martin Fierro**, **Os lusíadas**, **Os sertões** e **Tapera**. Comenta, ainda **Canaã**, **A bagaceira**, **O tempo e o vento** e **Os Maias**. Detém-se, no entanto, em seus próprios livros, **Tiaraju** (5), **Gaúchos e Beduínos** (4), **Símbolos bárbaros** (4) em sua tradução de **Tabaré** (4).

Tais dados foram obtidos por meio da utilização do software Winisis, para indexação da ficha catalográfica digital especialmente elaborada para projetos de pesquisa em acervos. Essa ferramenta oferece, ainda, a possibilidade de aprofundar a análise dos textos publicados na coluna "Prosa das Terças", como definir as particularidades dessa produção jornalística. A leitura desses textos feita para indexar o material permite traçar algumas

considerações de ordem geral sobre os aspectos temáticos e a maneira de apresentar a literatura a seus inúmeros e fiéis leitores.

Aliando a informalidade do artigo publicado em jornal à variedade dos temas, a prosa de suas “Prosas” tem a correção e a elegância manifestadas em toda a produção literária de Manoelito de Ornellas, a qual não perde tais características mesmo quando o autor aprofunda a análise dos textos literários ou da realidade de sua região, tema constante de sua obra. Ora analisa uma obra, numa série de artigos, como em “A filigrana árabe na Divina Comédia”, sobre a influência islâmica nessa obra imortal, em referência às pesquisas de A. Palácios, que estabelecem relações temáticas com lendas árabes anteriores ao cristianismo; ora transcreve e comenta correspondência recebida de escritores gaúchos e brasileiros. O tom geral de “Prosa das Terças” manifesta a intenção de informar o leitor sobre o que se pode encontrar no mercado editorial brasileiro e, principalmente, divulgar a literatura produzida no Rio Grande do Sul.

Além de “Prosa das Terças”, destacam-se 117 crônicas com temas variados, publicadas no **Diário de Notícias**, importante órgão dos **Diários Associados de Assis Chateaubriand**, em meados do século XX, no período de 13 de fevereiro a 14 de setembro de 1947, ano assinalado com acontecimentos importantes em vários países do mundo ocidental. Os recortes da coluna sob o título “Crônicas para o Diário de Notícias – 1947” encontram-se no volume de número 14, junto com outros recortes de jornais.

Essas crônicas apresentam um painel colorido das manifestações sociais, culturais e literárias que ocorreram em 1947. Os assuntos mais variados eram abordados pela pena ágil, culta e atenta do cronista, que nos legou nesse espaço, ainda envolvido emocionalmente, um testemunho lúcido, mas apaixonado, dos dramáticos acontecimentos da segunda guerra mundial, conflagração que pôs em risco a autonomia e a liberdade de grandes nações.

Defensor incondicional da liberdade, o cronista versa sobre a política nacional quando interpela altos governantes do País, deputados e ministros, acerca dos mais agudos problemas brasileiros: a saúde pública, a infância abandonada, o analfabetismo e o preconceito racial. Ao visitar a História, faz o elogio de grandes vultos nacionais, como Tiradentes e D. Pedro II. Em relação à política internacional, presta uma homenagem a Roosevelt, após a sua morte, em crônica emocionada sobre o “cãozinho Falla”, o derradeiro amigo do Presidente; e, no pólo oposto, escreve um libelo contra o Generalíssimo

Franco, ditador espanhol, responsável pelo assassinato de Lorca, no texto “No Espelho de Guadalquivir”. Condena tanto a violência bélica, em “A Voz da Trincheira”, como a opressão política, em “Uma Visão de Zarathustra”.

Em outra vertente dessas crônicas do cotidiano aborda, ora uma notícia da aparição, em Tanguá, da Mãe de Jesus a humildes crianças que a identificaram como “Nossa Senhora das Chaves”; ora reflexões críticas de cunho social sobre temas bíblicos, uma fábula sobre os Reis Magos, dando continuação à história dessas personagens. Em outras, faz comentários sobre o gênero humano, em que pede o retorno de Jesus para vergastar os pecadores que esqueceram o “Sermão da Montanha”. Em certos momentos interrompe as preocupações com o estado de mundo e entrega-se à visão bucólica da natureza que o cerca, e encerra as publicações no **Diário de Notícias**, falando de nossa cultura popular – o Carnaval e o Futebol.

No entanto, a temática a que dedica o maior número dessas crônicas é a literatura. São comentários literários em que demonstra a sua cultura, abordando além da obra de escritores nacionais, a de escritores de vários países. Desfilam grandes nomes como: Garcia Lorca, Juan Ramon Jimenez, H.G.Wells, Nietzsche, Walt Whittman, Tagore, La Fontaine, Unamuno, Júlio Dinis e Fernando Pessoa, bem como os brasileiros Simões Lopes Neto, Machado de Assis, Olegário Mariano, Castro Alves, José de Alencar, Lima Barreto, Euclides da Cunha e Guilherme de Almeida.

Tanto nos textos publicados no **Correio do Povo**, como no **Diário de Notícias**, na tarefa de esclarecer o leitor de jornal, no que se refere à literatura, Manoelito de Ornellas assumiu aquelas funções da crítica definidas por Enrique Anderson Imbert como: um modo de divulgar uma obra; de orientar o leitor e ampliar sua capacidade de gostar qualificando a obra com explicações de caráter estético ou de ordem contextual; de reunir e comparar juízos de valor sobre uma obra e de comparar autores; de valorizar o legado literário e de chamar a atenção para as obras contemporâneas, para os novos lançamentos e para o lançamento dos novos na arte literária, enfim de exercer a função didática de incentivar a leitura.

Artigo recebido em: 02/05/2011
Aceito para publicação: 02/10/2011

REFERÊNCIAS

BRAGA, Maria Alice da Silva. **Manoelito de Ornellas**: um esboço do escritor, p.72, Porto Alegre: PUCRS, 2000.

IMBERT, Enrique Anderson. **A crítica literária**: seus métodos e problemas. Coimbra: Almedina, 1986.